

ENTRE DOIS MUNDOS
O intelectual brasileiro e as experiências fora do lugar

Maria Laura Muller da Fonseca e Silva¹

RESUMO: Na tentativa de perceber como diferentes culturas se cruzam e como o intelectual brasileiro, ao se deslocar, se relaciona com o lugar de origem e, concomitantemente, com o espaço do trânsito, este artigo analisará trajetórias geográficas de intelectuais brasileiros até o século XX. Com ênfase em Murilo Mendes, o estudo procurará verificar como tais espaços foram capturados nos discursos desses artistas. Justifica-se o estudo do trânsito de intelectuais, pois representa muito da biografia coletiva e contribui para a construção da identidade nacional.

Palavras-chave: Intelectuais. Trânsito. Identidades. Cultura Brasileira.

ABSTRACT: In an attempt to understand how different cultures intersect and how the Brazilian intellectual, to move, relates to the place of origin and, concomitantly, with the space of transit, this article will examine geographic trajectories of Brazilian intellectuals until the twentieth century. With an emphasis on Murilo Mendes, the study will seek to determine how such spaces were captured in the speeches of these artists. Justifies the study of the movement of intellectuals, as is much of the collective biography and contributes to the construction of national identity.

Keywords: Intellectuals. Transit. Identities. Brazilian Culture.

Introdução

É necessário pensar o pensamento.
Murilo Mendes

Neste artigo, um tipo especial de deslocamento será analisado: o trânsito do intelectual nascido em espaços considerados periféricos - como é o caso do Brasil - para outros tidos como centros de cultura - como a Europa. Ao abordar esse tema, o estudo procurará verificar a hipótese de que, até o século XIX, tais intelectuais foram agentes de transformação local, mas, a partir do século XX, foram também promotores da cultura e da literatura brasileira no exterior, reformulando a relação com a matriz cultural que os formou.

¹ Doutoranda em Estudos Literários (Universidade Federal de Juiz de Fora, MG) - bolsista CAPES.

O estudo de deslocamentos dessa natureza relaciona-se com a identidade da nação e, segundo Beatriz Sarlo, no ensaio “Intelectuais”, “a biografia intelectual, sem dúvida, tem muito de autobiografia coletiva”, sendo, ao mesmo tempo, “exercício de memória e construção hipotética de alguns sentidos do nosso passado” (SARLO, 1997, p. 141). No Brasil, especificamente, onde a história se escreve também sob as questões do Imperialismo europeu, pensar na figura do intelectual é também refletir sobre a literatura brasileira.

De acordo com Maria Luiza Scher Pereira, deslocamento é a “condição permanente do intelectual moderno, e isso é duplamente observável no caso do intelectual periférico, como o latinoamericano” (PEREIRA, 2009, p. 123). Diferente do intelectual metropolitano, que se reconhece a partir de um espaço referenciado como centro de cultura, o intelectual periférico percebe o centro e a margem ao mesmo tempo e busca transitar entre esses dois espaços, na maioria das vezes capturando-os de modo dialético.

Em uma posição intermediária entre dois mundos que algumas vezes são percebidos de forma conflitante, em um “entrelugar antropofágico”, de acordo com Silviano Santiago, o intelectual brasileiro se coloca entre a assimilação e a expressão de autenticidade. Em outras palavras, está na base dupla e sempre presente no Brasil, entre a “floresta e a escola” (ANDRADE, 1972, p. 4), como propõe Oswald de Andrade em seu Manifesto.

Considerando que os deslocamentos de intelectuais e artistas foram constantes no Brasil desde o momento em que se formou uma elite local, a primeira parte desse artigo, denominada “Identidades em formação e as primeiras experiências fora do lugar” abordará, através de significativos exemplos calcados na obra crítica de Antonio Candido, trânsitos do Período Colonial e do Período Imperial, com o intuito de exemplificar a convivência dialética de nossos primeiros intelectuais com valores da matriz europeia portuguesa e com valores locais.

A seguir, tais trânsitos serão diferenciados daqueles que ocorreram no século XX e será levantada a hipótese de que, a partir deste século, as emigrações sofreram sensíveis modificações, alçando o intelectual brasileiro a uma condição alegórica de intermediador de culturas, com ações que contribuíram para dar maior visibilidade à cultura brasileira. Como estudo de caso do trânsito de um intelectual do século XX, a segunda parte deste artigo, denominada “Peregrino europeu de Juiz de Fora” - cujo nome faz referência a um verso de

Drummond -, focalizará o poeta brasileiro Murilo Mendes, em articulação com sua produção literária.

Assim, o estudo procurará mostrar que ele empreendeu deslocamentos que desenham uma trajetória voltada para a busca de espaços considerados como centros de cultura, porém, se diferenciou em muitos aspectos dos deslocamentos dos intelectuais brasileiros que o precederam, especialmente no que diz respeito à relação com Portugal, como será pontuado. Além disso, atuando como Adido Cultural do Itamaraty na Europa, lecionando Cultura Brasileira em Roma, fazendo conferências e publicando antologias e textos que agregavam autores europeus com brasileiros, Murilo favoreceu também a divulgação da literatura brasileira no exterior, com certo pioneirismo, tal qual outros artistas e intelectuais de seu tempo.

Compreender a experiência de deslocamento do intelectual periférico, recorrendo a conceitos oriundos dos campos da teoria e das críticas literária e cultural, é também um modo de evidenciar como a literatura interage com questões de seu tempo e de contribuir com os Estudos Culturais no que diz respeito à identidade nacional brasileira em contextos significativos de trocas culturais.

1. Identidades em formação e as primeiras experiências fora do lugar

Largo espaço de terras estrangeiras
E de climas inóspitos e duros...
Segui no pensamento as andorinhas,
Nos invejados voos! – procuravam,
Como eu também, nos sonhos que mentiam,
A terra que um sol cálido vigora.
Gonçalves Dias, “Saudades”

Na obra *Formação da Literatura Brasileira*, Antonio Candido apresenta, já nos primeiros capítulos, sua concepção da literatura brasileira como um sistema e propõe que tendências universalistas, voltadas para a matriz europeia, especialmente a portuguesa, e tendências particularistas, voltadas para peculiaridades brasileiras, conviveram em nossos textos de modo dialético. Devido às circunstâncias históricas de nossa colonização, o trânsito de intelectuais entre a colônia e a metrópole foi constante e contribuiu para conjugar essas tendências, que a princípio parecem se contrapor.

Localizando o que denomina “tomada de consciência de elite brasileira” (CANDIDO, 2000, p. 172), Candido analisa as Academias Literárias do século XVIII, especificamente a Arcádia Mineira, referindo-se a “certos intelectuais ilustrados” (CANDIDO, 1997, p. 24) que a compunham. Tais homens se deslocaram entre a colônia e a metrópole, eram “poetas, eruditos, sacerdotes que exprimiam a maturidade da inteligência brasileira aplicada ao conhecimento e à expressão do País” (CANDIDO, 2000, p. 172).

Cláudio Manuel da Costa e Tomás Antônio Gonzaga ilustram bem esse tipo de intelectual. O primeiro, nascido em Mariana, mas formado intelectualmente em Coimbra, expressa em sua poética alguma tensão entre a “escola e a floresta”, ou seja, sua formação intelectual na Metrópole e sua formação afetiva na Colônia, que não se articulam com facilidade. A estrofe “Torno a ver-vos, ó montes; o destino / Aqui me torna a pôr nestes outeiros, / Onde um tempo os gabões deixei grosseiros / Pelo traje da Corte, rico e fino” (FILHO, 2002, p. 78) revela oposição entre a Colônia e a Metrópole e certa contradição vivenciada pelo poeta, dividido entre a civilidade do mundo urbano e a simplicidade da vida local.

Já o segundo, Tomás Antônio Gonzaga, tem um trânsito mais amplo: nascido no Porto, morou na Bahia, onde estudou em colégio jesuíta, “ingressou na Universidade de Coimbra em 1761 e fixou moradia em Vila Rica (atual Ouro Preto) até a Inconfidência Mineira, atuando como Ouvidor Geral de Vila Rica” (GONZAGA, 2006, p. 16). Gonzaga sentia-se português e, diferente do que expressa a poética de Costa, sua sensibilidade não entrava em choque com sua formação intelectual. Ele desempenhou funções políticas na colônia e a conciliação da formação europeia com a percepção das necessidades locais revela-se, entre outros textos, no discurso de sátira política contra os desmandos de Luís da Cunha Meneses, governador da capitania de Minas Gerais de 1783 a 1788 (tratado no texto literário *As Cartas Chilenas* como Fanfarrão Minésio).

Os versos de *As Cartas*, contudo, apesar de criticarem o administrador local, não deixam de dar préstimos ao rei de Portugal. Apesar disso, Candido, no ensaio “Literatura de dois gumes”, afirma que *As Cartas Chilenas* podem ser consideradas uma “reação intelectual da elite” (CANDIDO, 2000), p. 167) que, posteriormente, se envolveu no processo da Inconfidência Mineira. De fato, os versos, em tom moralizador e ilustrado, articulando o

pensamento iluminista, apreendido na Metrópole, com a problemática da colônia, criticam Fanfarrão por ser um líder irracional e egoísta, em defesa de uma administração esclarecida.

Voltados à restrita elite intelectual brasileira do século XVIII, textos como esse expressam uma função ideológica de assimilação cultural metropolitana. Além disso, sabe-se que a literatura colonial foi muitas vezes imposta pela Metrópole e que os valores desses primeiros autores “radicavam na Europa e para lá se projetavam, tomando-a inconscientemente como ponto de referência e escala de valores” (CANDIDO, 2000, p. 148). Mas, em compensação, parodiando Antonio Candido, quando a cultura europeia imposta estabelecia contraste com o primitivismo reinante, permitia intelectuais como Costa e Gonzaga criarem um mundo de liberdade que “preservou a existência da literatura, neutralizando o perigo de absorção pelo universo do folclore; e, ao fazer do escritor um cidadão da República universal das letras, tornou-o fator de civilização do País.” (CANDIDO, 2000, p. 177). Assim, o contato com a metrópole, em migrações pendulares, muitas vezes ressignificadas pela linguagem, permitia, nos textos desses primeiros intelectuais, um deslocamento entre culturas distintas e possibilitava a adaptação criativa da cultura europeia à brasileira.

Já no século XIX, com a organização de uma imprensa nacional, a criação de Escolas de Ensino Superior, a fundação da Biblioteca Nacional e a notabilidade de outros eventos promovidos pela vinda da família real portuguesa, o Brasil assistiu a uma maior difusão de atividades públicas e de reuniões sociais. Nesse ambiente, ampliaram-se os casos de jovens pertencentes a uma elite local que completaram seus estudos em Coimbra. Gonçalves Dias, por exemplo, compôs o texto mais representativo do nacionalismo romântico brasileiro (“Canção do exílio”) fora do seu lugar de origem, justamente onde completou seus estudos de Direito e teve contato com escritores românticos portugueses de seu tempo, tais como Almeida Garret, Alexandre Herculano e Castilho. De volta ao Brasil, “ocupou cargos políticos, como o de Oficial de Negócios Estrangeiros, e foi nomeado professor de Latim e História do Brasil no colégio Pedro II” (DIAS, 1997, p. 156).

Como os dados indicam, tanto no século XVIII quanto no XIX, nossos intelectuais se orientaram por um processo dialético: incorporação da matriz portuguesa e diálogo permanente com a construção de uma identidade e de um país. Além disso, a constante

circulação entre a Metrópole e a Colônia dava, ao homem que se deslocava, certa posição diferenciada em nossa sociedade. Alçado à condição de intelectual, após uma temporada de estudos em Portugal, o indivíduo parecia alcançar certos atributos que, nesse ponto de vista, colocavam-no em condição de desempenhar funções políticas e didáticas no Brasil, sendo formador de opinião. Silviano Santiago, no ensaio “Atração do Mundo”, explica que a formação do intelectual brasileiro no século XIX se relaciona diretamente com o almejar de “valores universais” (SANTIAGO, 2004, p. 37).

Quais seriam, porém, as modificações que podem ser percebidas entre os deslocamentos apresentados até o momento, que dizem respeito ao período colonial, e aqueles verificados a partir do século XX? As diferenças se constroem em função de contingências histórico-sociais, políticas e culturais e têm como consequência a mudança de rota, uma vez que, para o artista brasileiro, o centro cultural deixou aos poucos de ser Portugal.

Eric Hobsbawn, em *A era dos extremos*, explica que “a metade do século XIX marca o começo da maior migração dos povos na História” (HOBSBAWN, 1995, p. 210) e esses fluxos em direção a certas cidades relacionaram o fenômeno da urbanização à migração. Assim, desde o fim do século XIX, algumas cidades modernas se configuraram como destino de muitos deslocamentos, e, conseqüentemente, objeto de crítica e de discurso literário. Além disso, o período entre guerras no século XX gerou transformações profundas e os intelectuais buscaram novos caminhos de reelaboração, em íntima relação com os novos espaços urbanos e com novos contextos sociais e políticos que se apresentavam. De acordo com Renato Cordeiro Gomes, agora a metrópole capitalista “converte-se em constante estímulo para a modernidade e as vanguardas encontraram aí o lugar ideal para produzir e confrontar propostas” (GOMES, 2008, p. 37).

Malcolm Bradburry e James McFarlane, em *Modernismo Guia Geral*, falam em uma “geografia do Modernismo” (BRADBURY, 1989, p. 75) e, excluindo cidades portuguesas, que eram o principal espaço de formação acadêmica dos intelectuais brasileiros até o século XX, identificam outros lugares que impulsionaram múltiplos deslocamentos, incluindo cidades norteamericanas entre as europeias. O fato de certos espaços terem se configurado como polos irradiadores de arte fez com que estes ambientes possibilitassem trocas culturais e

fluxos intensos de deslocamento, sendo atrativas para artistas e intelectuais de espaços periféricos, como o Brasil.

Tarsila do Amaral, por exemplo, em busca de aprimoramento artístico, completou seus estudos em Barcelona, na Espanha, no Colégio Sacré-Coeur. Oswald de Andrade, em 1912, viajou à Europa pela primeira vez, visitando vários países, como Itália, Alemanha, Bélgica, Inglaterra, França e Espanha, incorporando a seu discurso muito das vanguardas europeias. Ao se deslocar, o artista e intelectual brasileiro do século XX não buscava mais a legitimação de sua posição através do respaldo de uma metrópole nem a assimilação cultural. Naquele momento, o trânsito refletia o desejo de inserção nas vanguardas e de experiências culturais diversificadas nessa “geografia do Modernismo”. Dessa espécie de nova cartografia artística também fazem parte os deslocamentos de Murilo Mendes, que serão analisados a seguir.

2. “Peregrino europeu de Juiz de Fora”

Não importa: transforma-se o
amador na coisa amada. E, sendo
qualquer cidade mais coisa que
uma mulher (...), por virtude do
muito imaginar, eis-me
transformado.

Murilo Mendes

Natural de Juiz de Fora, MG, com aproximadamente 20 anos, Murilo Mendes mudou-se para o Rio de Janeiro, então capital do Brasil, de onde assistiu, à distância, à Semana da Arte Moderna. Neste primeiro deslocamento, o poeta estabeleceu seus primeiros contatos artísticos e, portanto, sob esse aspecto, sua trajetória era ascendente. Um grafito escrito por Murilo Mendes em 1964 indica o que a transferência para o Rio de Janeiro significou: “Neste Rio áspero físico / Nomeei-me poeta...” (MENDES, 1995, p. 633). É perceptível que ele mesmo reconhece o fato de que estar no Rio de Janeiro foi condição fundamental para ser nomeado, efetivamente, poeta. Pode-se afirmar que é o Rio o local da afirmação do poeta e da construção do intelectual.

Como participante de uma nova geração literária – a geração modernista –, Murilo, naquele momento, sentiu necessidade de se rebelar contra a tradição, buscando uma independência no sentido artístico. A filiação ao movimento modernista brasileiro, em

princípio, foi um caminho poético estratégico e ele demonstrou estar inserido nesse processo, pois, na obra *História do Brasil*, procurou refletir sobre nossa identidade a partir da retomada do tema da colonização. Esse dado é relevante posto que evidencia a relação de Murilo com o referido movimento e com Portugal. O ano de 1932 data a primeira e única publicação do livro *História do Brasil*, com ilustrações de Di Cavalcanti. As poesias murilianas que compõem esse livro, todas satíricas e humorísticas, estavam de acordo com a influência que a geração de 22 exerceu sobre ele, principalmente no que diz respeito ao sentimento antilusitano, à subversão da ordem, ao questionamento de valores pré-estabelecidos e à rebeldia em relação à tradição cultural brasileira.

O próprio nome do livro corrobora com isso e o discurso sobre o nacionalismo desenvolvido nesse período tinha o propósito de retomar a nossa história e tentar recontá-la através da ironia, como afirma Mônica Velloso no artigo “As raízes ibéricas do Modernismo Brasileiro”

... a ideia de matriz cultural remetia a um outro universo de valores: arcaico, provinciano, violento ... Essa imagem de Portugal e dos portugueses encontrava-se amplamente diluída no Rio de Janeiro (...) O fado, a nostalgia e o sentimentalismo piegas são descartados como herança cultural (VELLOSO, 1999, p. 64).

Esse processo de instauração de nossa modernidade passa pela negação da memória colonial, com a qual os intelectuais do modernismo têm uma relação problemática. O procedimento artístico da época é natural, porque, no processo de colonização, Portugal é o agente. Na eleição de outros espaços, em detrimento de Portugal, percebeu-se, nessa geração literária, um anti-lusitanismo que descartava perspectivas tradicionais – que seriam herança portuguesa – e apelava para o humor e o deboche, na reflexão sobre a nossa identidade. Portugal representaria, nessa perspectiva, o avesso da modernidade.

Portugal estava em uma posição paradoxal com relação ao restante da Europa nas primeiras décadas do século XX, pois foi um país simultaneamente colonizador e colonizado. Mesmo os movimentos das ciências sociais, que nasceram nos países considerados desenvolvidos no fim do século XIX e início do XX, não geraram transformações significativas na sociedade portuguesa. Boaventura de Souza Santos explica essa situação da seguinte maneira:

Os começos exaltantes da geração de Coimbra foram asfixiados pela mesma (e sempre diversa) repressão censória que, com algumas interrupções, havia de dominar os cem anos seguintes da nossa bloqueada modernidade (SANTOS, 2001, p. 55).

Percebe-se, no campo intelectual e artístico, uma atitude conservadora, segundo indicam as palavras supracitadas. Esse posicionamento impedia sistematicamente a proliferação da arte modernista nesse país, formando um circuito fechado de cultura. Isso viria a agravar-se com o governo de Salazar, de nítida influência fascista que, como toda ditadura, suprimiu a arte moderna por considerá-la corrosiva para a tradição que se queria permanente.

Em consonância com as contingências do início do século XX, a poesia de Murilo em *História do Brasil* elege a irreverência para estabelecer sua crítica e explora a exposição histórica para encontrar sua inovação nas letras. Assim, temos:

Quando o almirante Cabral
Pôs as patas no Brasil
O anjo de guarda dos índios
Estava passeando em Paris (MENDES, 1995, p. 144).

No fragmento acima, Murilo faz um julgamento satírico dos portugueses colonizadores, representados por Cabral. Nesse sentido, a expressão “pôs as patas” revela o quanto ele rejeita a posse da terra. Em seguida, a referência a Paris completa a atitude típica dessa época: a eleição da França em detrimento a Portugal. Além disso, o índio é tematizado, mas não de modo idealizado, sim como vítima, o que aproxima o livro da tendência de Oswald e Mário de Andrade.

Em outro poema, sobre o padre Anchieta, Murilo se refere à pedagogia da colonização em nosso país da seguinte maneira:

O padre era mesmo bom,
Não era padre, era santo (...)

Tenho uma pena bem grande
De saber que ele ensinou
Somente os índios espertos;
Que não estendeu o ensino
À colônia portuguesa (MENDES, 1995, p. 150).

Aqui, ele compara de modo crítico os índios aos portugueses, dando a entender que esses são “pouco espertos”. Além disso, a expressão “colônia portuguesa” acaba diminuindo a

relação entre Brasil e Portugal e invertendo a posição dos dois países no processo histórico, já que a colônia, para Murilo, deixa de ser o Brasil. Textos como esses demonstram bem o discurso irônico, a tese do livro de poemas e o quanto Murilo, nesse primeiro momento, rejeitava elementos específicos de nossa herança portuguesa.

Porém, percebemos que o contato com as vanguardas permitiu também que o aprofundamento literário de Murilo fosse desencadeado em novas direções. Assim, a rebeldia inicial não o impediu de se relacionar de novas maneiras com a tradição cultural, pelo contrário, acrescentou inovações e possibilitou um diálogo permanente com as variadas manifestações artísticas de todas as épocas.

Sobre isso, Laís Corrêa de Araújo, no livro *Murilo Mendes*, afirma: “... não se acomodara, não se amoldara definitivamente a nenhum dos grupos modernistas, embora devesse, naturalmente, a sua liberdade criativa às aquisições do movimento” (ARAÚJO, 1972, p. 47). Em sua ânsia de apuro e atualização permanentes, não se conteve nos limites do seu país de origem, atingindo, em sua poesia da maturidade, um alto grau de universalidade, como ele mesmo afirma: “Múltiplo, desarticulado, longe como o diabo / Nada me fixa nos caminhos do mundo” (MENDES, 1995, p. 97).

Reportando-nos ao que foi apresentado até o presente momento, podemos entender com facilidade porque Murilo suprimiu *História do Brasil* de sua obra completa, justificando que destoava do conjunto. Era de se esperar que ele abandonasse as ironias sobre nosso passado colonial, tão enfatizadas nesse livro, em favor de temas que se identificassem mais com sua nova experiência. O próprio autor acaba esclarecendo sobre isso ao declarar: “Não sou meu sobrevivente, e sim meu contemporâneo” (MENDES, 1995, p.25).

A relação de Murilo com Portugal se alterou por um processo intelectual. A partir do mundo, e não do Brasil, Murilo *re-conheceu* a tradição lusitana, chegando, inclusive, a escrever a obra *Janelas Verdes*, que, em prosa poética, discorre sobre espaços portugueses. Por exemplo, Lisboa, nesse momento, torna-se metonímia de Portugal, pois Murilo a recria no livro, afirmando sua admiração: “Lisboa é consabidamente bela” (MENDES, 1995, p. 1408).

Já casado com a artista portuguesa Maria da Saudade Cortesão, filha do historiador português Jaime Cortesão, entre 1952 e 1956, conforme indica sua biografia, presente na antologia poética organizada pela editora Nova Aguilar, Murilo foi Adido Cultural do

Itamaraty em capitais europeias, chegando a fazer uma Conferência na Sorbonne sobre Jorge de Lima, que falecera em 1953. Quatro anos depois, partiu definitivamente para a Itália, país que se tornou sua segunda pátria, substituindo Sérgio Buarque de Holanda como professor de Cultura Brasileira na Universidade de Roma.

A mudança para a Itália em 1957, além de colocá-lo em contato com a fonte da cultura ocidental, também lhe proporcionou o desenvolvimento intelectual e o desenraizamento que foram determinantes para alterar sua relação com o Brasil e, conseqüentemente, com Portugal. O desenraizamento torna-se explícito quando, em resposta ao “Questionário de Proust”, falando sobre onde gostaria de morar, respondeu: “No Rio com menos calor, em Florença com menos ruído; em Madrid ou Lisboa, em outras circunstâncias” (MENDES, 1995, p. 51).

Podemos afirmar que ele elegeu a Europa como lugar de moradia e de produção artística e intelectual e desejou relacionar-se com o “velho continente”, superando a ancestralidade cultural e renunciando a alguns aspectos da geração modernista de 1922, como expõe Luciana Stegagno Picchio, no texto *Vida-Poesia de Murilo Mendes*: “... num mundo que, contudo, lhe pertencia e ao qual ele pertencia por afinidades, por eleição...” (PICCHIO, 1995, p. 24).

Em suas poesias, Murilo apresenta-se como um intelectual com grande sentimento cosmopolita: “Fiquei sem tradição nem costumes nem lendas / estou diante do mundo / deitado na rede mole / que todos os países embalçam” (MENDES, 1995, p. 88). Outro poema que explicita uma sensação de desenraizamento e o permanente trânsito cultural é “Mapa”: “Estou no ar (...) / Sempre em transformação” (MENDES, 1995, p. 117). Por outro lado, sobre sua chegada a Roma e o estabelecimento de relações com artistas e intelectuais europeus, escreveu: “Instalando-me em Roma, logo contactei escritores e artistas. Fui visitar De Chirico (que, a convite de Ungaretti, assistira na universidade à minha aula inaugural)” (MENDES, 1995, p. 1271).

Sabe-se que o emigrado sempre conviverá com duas realidades, a nacional e a estrangeira. Assim, em resposta ao questionário de Laís Corrêa de Araújo, por exemplo, Murilo declarou o seguinte: “Espero voltar um dia ao Brasil. Nunca me esqueço de que minhas raízes, transplantadas de Portugal, da Grécia, da França e de Israel (...) estão aí” (MENDES, 1995, p. 48). Sendo assim, é possível verificar uma permanente relação com a

pátria de origem. Esta percepção interessa a este artigo, pois, deseja-se levantar a hipótese de que, associada à busca pela inserção no espaço europeu e de construção da imagem do intelectual cosmopolita, também houve uma contribuição de Murilo Mendes para a internacionalização da cultura brasileira na Europa.

Boaventura de Souza Santos faz um questionamento que é relevante acerca da identidade cultural dos artistas que se deslocam no século XX, como Murilo. No livro *Pela mão de Alice*, ele diz que artistas europeus “raramente tiveram de perguntar pela sua identidade, mas os artistas africanos e latinoamericanos, a trabalhar na Europa (...) foram forçados a suscitar a questão de identidade” (SANTOS, 2001, p. 135).

Como foi demonstrado anteriormente, durante quatro séculos, ao se deslocar para Portugal, o artista e intelectual brasileiro passava a desempenhar no Brasil uma atividade política ou acadêmica, ganhando reconhecimento nacional. Murilo, entretanto, é um dos primeiros brasileiros a desempenhar a atividade intelectual articulada com funções literárias, acadêmicas e diplomáticas na Europa e a atuar na promoção da cultura brasileira no exterior.

Isso pode ser evidenciado por meio de sua atividade na Universidade de Roma, de conferências que proferiu e de outras realizações, como organização de antologias poéticas, catálogos de exposições com participação de artistas brasileiros, italianos e portugueses, contribuições para diversas revistas e periódicos e produção artística. Seu reconhecimento no exterior pode ser percebido através das diversas traduções de seus livros para outros idiomas e do Prêmio Internacional da Poesia Etna-Taormina, que lhe foi conferido em 1972.

É significativo perceber que, em 1965 e 1966, Murilo publicou o livro *Retratos-Relâmpago*, que circulou especialmente na Itália e foi em parte publicado em revistas portuguesas e italianas, dedicado ao crítico literário brasileiro Antonio Candido. Para a professora Terezinha Maria Scher Pereira, os chamados “livros-coleção” de Murilo Mendes, entre os quais se inclui *Retratos-Relâmpago*, “estão repletos de referências afetuosas e de admiração intelectual” (PEREIRA, 2002, p. 83).

Incluindo retratos de poetas e homens de letras, de artistas plásticos e músicos, o livro homenageia personalidades europeias, representativas de uma matriz tradicional, como Dante e Victor Hugo, e outras relacionadas às vanguardas, como Max Ernest, Picasso e Magritte. Porém, muitos artistas brasileiros figuram entre os nomes retratados, como Tarsila do Amaral,

Villa-Lobos, Raimundo Correa, Castro Alves, Euclides da Cunha, Raul Bopp e Cornélio Pena. Ao selecionar autores brasileiros entre aqueles que desejava referenciar, Murilo acabou por apresentar certos nomes nacionais a um determinado público europeu, facilitando um trânsito cultural e o contato com a literatura brasileira no exterior.

De acordo com Luciana Stegagno Picchio, Murilo interessava-se por “tudo o que é novo em arte e em literatura, na Europa como no Brasil. E o novo não é necessariamente de hoje” (PICCHIO, 1995, p. 29). Como se vê, a experiência de estar fora do lugar impunha-lhe uma necessidade de negociação entre culturas e acabava por promover também um fluxo inverso de informações, da margem para o centro. Assim, além, da produção artística, a atuação de Murilo como professor de Cultura Brasileira na Universidade de Roma merece ser considerada com atenção. O Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) possui algumas correspondências que trazem dados relevantes sobre sua atividade intelectual e acadêmica.

As coleções de artistas e intelectuais significam muito na perspectiva da investigação acadêmica. Assim, atentar para as marcas deixadas nas margens permite, à análise literária, empreender uma espécie de viagem pelo arquivo, seguindo pistas, por exemplo, em correspondências. Sobre essas questões referentes ao estudo do acervo, Maria Luiza Scher Pereira afirma que esse tipo de trabalho

(...) resgata um procedimento investigativo em geral desprestigiado pela crítica literária mais consolidada academicamente nas últimas décadas, a que prestigia quase que exclusivamente o texto literário. A contribuição que a metodologia de trabalho com acervos e com coleções pode dar ao estudo do poeta, de um momento do modernismo brasileiro, e até ao estudo da construção dos discursos de interpretação do Brasil pode e deve incluir a reflexão sobre as coleções deixadas por Murilo Mendes (PEREIRA, 2002, p. 16).

Esse estudo pode revelar, dentre outras coisas, a marca de afetividade, o gosto pessoal, a vivência da subjetividade e a convivência entre os artistas e os intelectuais. As cartas enviadas por Murilo Mendes a Antonio Candido, por exemplo, são significativas nesse aspecto por revelarem muito de sua atividade acadêmica e intelectual na Itália.

Em dezembro de 1957, Murilo escreveu o seguinte a Candido: “Temos recebido sempre o suplemento do Estado de São Paulo (...). O suplemento é sempre interessante e

informativo e nos traz um pouco do ar do Brasil”². A preocupação em estabelecer contato constante com o Brasil e manter-se informado sobre o que acontecia aqui se revela nesta correspondência. Nota-se que o sentimento identitário permanece, mesmo na mobilidade. A memória do lugar de origem e o sentimento de pertencimento acabam sendo indissociáveis do discurso.

Na correspondência enviada em abril de 1958³, Mendes agradece a contribuição de Candido para a revista que organizava em homenagem ao 70º. aniversário de Ungaretti e comenta também sobre o texto enviado pelo poeta Manuel Bandeira. A correspondência aponta para uma atitude que parece ser constante em Murilo: a promoção de um diálogo entre culturas distintas, relacionando o Brasil e a Europa efetivamente. Estando na Itália, Mendes mantinha contato com certas personalidades brasileiras que lhe interessavam por afeto e eleição e abria espaço para que esses artistas e críticos contribuíssem em publicações europeias.

Além desses dados, fornecidos pelo MAMM, a bibliografia de Murilo Mendes, presente na antologia organizada pela editora Nova Aguilar, contém informações a respeito de atividades acadêmicas, dentre as quais merece destaque a conferência pronunciada no Circolo Filologico de Milão, em 1957, cujo nome foi “Aspetti della cultura brasileira” e a publicação de 1960, da revista *Scuola e Cultura nel Mondo*, denominada “Um poeta brasileiro contemporâneo: Jorge de Lima”, que também se relaciona com a literatura brasileira e é um trabalho de ampliação da recepção, ou seja, da divulgação de nossa literatura e de fomento de um público leitor de textos brasileiros na Europa, mesmo que no meio acadêmico.

De acordo com os dados elencados, os primeiros intelectuais brasileiros, em esforço dialético, foram fator de civilização do país e de adaptação criativa da matriz europeia. Porém, a partir do século XX, novos modos de se deslocar se configuraram e Murilo Mendes representa bem a modernidade e os novos trânsitos culturais que se desenharam.

² A citação se refere à carta de Murilo Mendes para Antonio Candido, escrita em dezembro de 1957, com comentários sobre o suplemento do jornal Estado de São Paulo. A correspondência, que foi consultada para este estudo em dezembro de 2013, faz parte do acervo do Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), disponibilizado para pesquisas.

³ Correspondência de Murilo Mendes para Antonio Candido, enviada em abril de 1958, solicitando que o crítico brasileiro escrevesse um texto para homenagear o 70º. Aniversário de Ungaretti. A carta faz parte do acervo do Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) e foi consultada para este estudo em dezembro de 2013.

Conclusão

Como este estudo procurou demonstrar, tomando como referencial teórico, a princípio, os estudos de Antonio Candido, a atitude de deslocamento, percebida em dados biográficos dos primeiros intelectuais brasileiros, foi, em geral, motivada pela assimilação cultural, porém também representou uma estratégia dialética de estabelecer diálogo literário com a metrópole. Ao se deslocar, o jovem brasileiro passava a desfrutar de uma posição intelectual privilegiada no Brasil, sendo agente de transformação local.

Considerando exemplos significativos, foi possível perceber que, a partir do século XX, a “atração pelo mundo” de que fala Silviano Santiago, outro referencial teórico deste artigo, permaneceu motivando muitos de nossos artistas e intelectuais. Os deslocamentos nesse referido período, fomentados pelo Modernismo, contudo, trouxeram como novidade mudanças em relação à matriz cultural portuguesa, que deixou de ser a principal referência de nossos autores em suas trajetórias geográficas e artísticas.

Ainda no século XX, Murilo Mendes, todavia, como outros artistas de seu tempo, em seus deslocamentos, desempenhou atividades acadêmicas e intelectuais na Europa, com evidente pioneirismo, desfrutando de uma posição de reconhecimento social fora de sua pátria. Também reestabeleceu o diálogo com a tradição cultural portuguesa, chegando a escrever o livro *Janelas Verdes*, no qual revisita espaços portugueses com afeto e admiração. Além disso, em sua atividade acadêmica em Roma, procurou favorecer algumas inversões de fluxo, pois abriu espaço para certa representatividade brasileira no exterior. Esse novo tipo de intelectual, de que Murilo Mendes é um exemplo, favoreceu os trânsitos culturais e a internacionalização de nossa literatura a partir do século XX.

Referências

ANDRADE, Oswald de. *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*. [S.l.]: Antologia de Textos Fundadores do Comparativismo Literário Interamericano, 2001. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/cdrom/oandrade/oandrade.pdf>>. Acesso em 06 ago. 2014.

ARAÚJO, Laís Corrêa. Murilo Mendes. In: *Poetas Modernos do Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1972.

BRADBURY, Malcolm; MCFARLANE, James Walter. *Modernismo guia geral*: trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 2000.

_____. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 8. ed. Belo Horizonte, Itatiaia, 1997.

DIAS, Gonçalves. *Os melhores poemas de Gonçalves Dias*. São Paulo: Global, 1997.

FILHO, Domínio Proença. *A poesia dos inconfidentes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994

GONZAGA, Tomás Antônio. *Cartas Chilenas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HOBBSAWN, Eric J. *A era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*: trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MENDES, Murilo. *Poesia Completa e Prosa*. Volume único - org. Luciana S. Picchio. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

PEREIRA, Maria Luíza Scher. Tempos de Murilo – II. Visita ao acervo do poeta: as obras e as margens. In: : *Ipotesi-* Revista de Estudos Literários da UFJF. Juiz de Fora: EDUFJF, v.6, n. 1, p. 11- 19, jan./jun. 2002.

_____. *A jangada e o elefante e outros ensaios: exercícios de crítica literária e de literatura*. Juiz de Fora: UFJF, 2009.

PEREIRA, Terezinha Maria Scher. “Poética e amizade”. In: *Ipotesi-* Revista de Estudos Literários da UFJF. Juiz de Fora: EDUFJF, v. 6, n. 1, p. 81-85, jan/jun, 2002.

PICCHIO, Luciana Stegagno. Vida-Poesia de Murilo Mendes. In: *Poesia Completa e Prosa*, Volume único. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

SANTIAGO, Silviano. O entrelugar do discurso latino-americano. In: *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, p. 9-26, 2000.

_____. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela mão de Alice o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 2001.

SARLO, Beatriz. *Paisagens Imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação*: trad. Rubia Prates e Sérgio Molina. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

VELLOSO, Mônica. As raízes Ibéricas do Modernismo Brasileira. In: *Ipotesi* - Revista de Estudos Literários da UFJF. Juiz de Fora: EDUFJF, v. 3, n.1, p. 59-72, jan./jul. 1999.